



Críticas – Temáticas Livres

**Morte e vida de *Uma história Severina*,
por Débora Diniz e Eliane Brum**

**Muerte y vida de *Uma história Severina*,
de Débora Diniz y Eliane Brum**

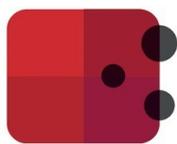
**Death and life of *Uma história Severina*,
by Débora Diniz and Eliane Brum**

Walisson Oliveira Santos¹

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-3907-4763>



Uma história Severina. Direção: Débora Diniz e Eliane Brum, 2005.



Resumo: Esta crítica busca promover uma reflexão a partir do documentário *Uma história Severina*, com a direção e roteiro de Débora Diniz e Eliane Brum, lançado em 2005, que narra a jornada de uma mulher, a Severina, que busca interromper sua gestação devido a um feto anencéfalo. Nesse contexto, Severina e seu marido Rosivaldo iniciam uma peregrinação por um Brasil que se assemelha a uma terra estrangeira: a busca por justiça para os analfabetos.

Palavras-chave: Documentário; *Uma história Severina*; Morte e vida; Débora Diniz e Eliane Brum.

Resumen: Esta reseña busca promover la reflexión a partir del documental *Uma História Severina*, dirigido y escrito por Débora Diniz y Eliane Brum, estrenado en 2005, que narra el viaje de una mujer, Severina, que busca interrumpir su embarazo debido a una enfermedad anencefálica fetal. En ese contexto, Severina y su marido, Rosivaldo, inician un peregrinaje por un Brasil que parece tierra extranjera: la búsqueda de Justicia para los analfabetos.

Palabras clave: Documental; *Uma história Severina*; Muerte y vida; Débora Diniz y Eliane Brum.

Abstract: This review seeks to promote reflection based on the documentary *Uma história Severina*, directed and written by Débora Diniz and Eliane Brum, released in 2005, which narrates the journey of a woman, Severina, who seeks to terminate her pregnancy due to an anencephalic fetus. In this context, Severina and her husband Rosivaldo begin a pilgrimage through a Brazil that resembles a foreign land: the search for justice for the illiterate.

Keywords: Documentary; *Uma história Severina*; Death and life; Débora Diniz and Eliane Brum.

A urgência dos temas relacionados ao aborto e aos direitos reprodutivos das mulheres se destaca no cenário atual, ganhando particular relevância no debate público, especialmente na América Latina. Enquanto o Uruguai oferece um exemplo notável ao descriminalizar o aborto, o Brasil adota uma abordagem oposta, mantendo a crença na criminalização dessa prática. Essa postura acarreta a clandestinidade de milhões de mulheres, resultando em sérios problemas de saúde pública e planejamento familiar.

Neste contexto, esta crítica concentra-se em um episódio específico dessa narrativa no Brasil, capturado pelo documentário *Uma história Severina*, dirigido por Débora Diniz e Eliane Brum. O documentário acompanha a história de Severina, uma mulher simples, mãe e agricultora do interior de Pernambuco, que enfrenta uma gravidez de um feto anencéfalo. Convivendo com seu marido, Rosivaldo, e seu filho de quatro anos, Walmir, Severina busca interromper a gravidez devido à anencefalia.

Ao longo do documentário, somos imersos na luta e angústia vivenciadas pelo casal, destacando a espera para realizar o procedimento desejado. A narrativa do filme é subdividida em várias partes, como *Os ministros*, *O caminho de Severina*, *Na cadeira do fórum*, *Severina e sua malinha*, *A autorização*, *O berço vazio*, *A teimosa na porta*, *A hora do parto*, *O enterro* e *Bebê morto*.

A seção inicial, intitulada *Os ministros*, revela o início da batalha enfrentada por Severina e por Rosivaldo. Em 20 de outubro de 2004, uma quarta-feira, o Supremo Tribunal Federal (STF) revoga a liminar concedida em julho do mesmo ano, que permitia a interrupção da gestação em casos semelhantes ao de Severina. Nesse dia específico, a personagem já estava em um hospital em Recife, preparando-se para realizar o procedimento no dia seguinte. Durante a decisão do STF, foram apresentados argumentos como “o coração bate”, “todos somos condenados à morte” e “o sofrimento não degrada a dignidade humana”.

Esse acontecimento levou Severina a retornar para casa, desencadeando um processo de visitas a hospitais, delegacias e fóruns na busca pela antecipação do parto. Observamos, segundo a personagem, que essa situação se desenrolou devido à aparente falta de preocupação por parte dos “homens brancos” no poder, cuja responsabilidade é zelar pela população.

Um dos ministros destaca a existência de uma separação entre Estado e Igreja, apesar da presença de símbolos religiosos como a cruz no STF. Contudo, é evidente que as posições desses líderes em relação a questões como essa são moldadas por uma moral religiosa profundamente enraizada em nossa sociedade desde os tempos coloniais, condenando a interrupção da gravidez em todas as situações.

Ao sair do hospital sem conseguir realizar o procedimento, devido à cassação da liminar e enfrentando a difícil situação de ter que continuar a gestação – mesmo cientes de que o filho não sobreviveria – o casal foi orientado pelos profissionais a se dirigir para a delegacia da mulher e iniciar o processo. A intenção era encaminhar o pedido até a juíza para obter a autorização. Contudo, ao longo desse trajeto até a autorização, Rosivaldo lamenta a quantidade de documentos a assinar, as inúmeras perguntas feitas e as idas e vindas por diversos lugares, ressaltando a excessiva burocracia envolvida.

Essa questão burocrática também se evidencia na próxima parte do documentário, *Na cadeira do fórum*. O processo demonstra insensibilidade em relação ao sofrimento e à angústia vivenciados por mulheres em situações semelhantes à de Severina. O projeto subjacente é tornar o processo extenso e exaustivo, visando desencorajar as pessoas a persistirem. Ao finalmente obter a autorização (na seção *A autorização*), o casal expressa a dificuldade em lidar com os sentimentos associados a essa conquista, algo pelo qual os dois esperavam e lutavam tanto para alcançar.

Na seção intitulada *Berço vazio*, uma das cenas mais marcantes de todo o documentário se desenrola. Durante o percurso até o hospital de Recife, Severina faz



uma parada em uma loja que comercializa roupas para bebês, com o intuito de adquirir uma peça para vestir seu filho no momento do enterro. Entretanto, devido aos sete meses de gravidez já transcorridos, tanto o enterro quanto o registro de óbito tornaram-se necessários. Portanto, todo o processo de sepultamento configurou-se como mais um sofrimento imposto covardemente pelo Estado à Severina e sua família.

Ao ser questionada pela vendedora sobre o que desejava levar, Severina respondeu que apenas queria a roupa, pois sabia que seu filho não sobreviveria. Essas palavras evidenciam o tormento enfrentado por mulheres como ela, devido à irresponsabilidade e negligência de um Estado que, conforme mencionou o advogado responsável pela liminar, acredita que “não tem nada a ver com isso”. A ausência de acolhimento à angústia sentida, ao longo desse processo, e a falta de sensibilidade por parte dos profissionais envolvidos nessas burocracias não contribuem para amenizar tais sentimentos. A forma como as instituições lidam com essas situações demonstra uma lacuna preocupante na compreensão e na consideração das experiências dolorosas vivenciadas por mulheres como Severina.

Após a comovente cena na loja de roupas para bebês, Severina chega a uma maternidade com a autorização em mãos, acompanhada por uma enfermeira da ONG Curumim. Com a esperança de finalmente alcançar seu objetivo, um dos médicos solicita que ela se dirija a outro hospital, afirmando que “o mais difícil você já conseguiu”, referindo-se à autorização. Contudo, ao chegar à nova unidade hospitalar, o médico de lá informa que os anestesistas de plantão naquele momento discordam do procedimento de antecipação terapêutica do parto. Dessa forma, a opinião pessoal do profissional prevalece sobre a obrigação do hospital.

A enfermeira que a acompanhava intervém com este argumento, destacando a discordância entre os profissionais de saúde. Mesmo diante de toda a violência que Severina enfrentou nos últimos meses, o médico pede que ela tenha mais um pouco de paciência. Este episódio evidencia a importância da presença da psicologia, conforme descrita por Regina Benevides de Barros (2005), com base em três princípios: a inseparabilidade do individual e do social, as práticas comprometidas com a sociedade e a realidade brasileira, e a necessidade de transversalidade entre os diferentes saberes.

Apesar de enfrentar diversas dificuldades, Severina viu-se obrigada a passar pelo processo de indução do parto normal, sem a possibilidade de escolher o método de parto. À medida que o documentário retrata o início desse procedimento em cenas intituladas *A hora do parto*, Severina se emociona ao observar a roupa que havia

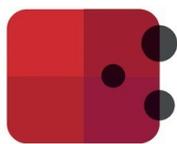


comprado para o seu filho. Após 32 horas do início da indução, ela começa a sentir dores, momento em que outra forma de violência se manifesta.

Ao longo do processo de parto, Severina estava acompanhada por sua sogra, que tentava acalmá-la durante o choro, pedindo que não demonstrasse desespero. Simultaneamente, a sogra procurava manter-se firme para oferecer apoio à nora. Uma das profissionais da equipe, sensível ao choro de Severina, interveio e dialogou com a sogra, incentivando-a a permitir que Severina expressasse suas emoções da maneira que desejasse, para que não guardasse esses sentimentos consigo. Este gesto representa um dos raros vestígios de humanização em um processo que representou meses de tortura e violência para Severina.

No mesmo dia, o filho de Severina e Rosivaldo foi sepultado, conforme retratado na cena *O enterro*, em um pequeno caixão branco. Algum tempo depois, como evidenciado na seção *Bebê morto*, Severina relata que, ao retornar para casa, Walmir, seu outro filho, perguntou sobre seu irmãozinho e onde ele estava. Ela responde que ele está no céu, e Walmir expressa o desejo de vê-lo. Contudo, a única lembrança que possuíam, além das marcas e traumas deixados por todo o percurso, era uma foto tirada pela sogra de Severina, guardada dentro do guarda-roupa. Rosivaldo declara que esse filho fazia parte dele, uma presença que permaneceria eternamente. Ao término do documentário, Severina revela que frequentemente observa essa fotografia e conclui questionando-se: “Será que esse filho foi realmente meu?” e “Será que ele estava realmente dentro de mim?”.

Diante do cenário apresentado, percebe-se que houve avanços em relação ao acesso aos direitos reprodutivos e à autonomia das mulheres, uma vez que mulheres que enfrentam situações semelhantes à de Severina agora terão menos obstáculos para exercer sua autonomia e interromper a gestação, garantindo assim seus direitos constitucionais, como a dignidade humana. Ao longo da história, os direitos reprodutivos foram frequentemente restringidos, resultando em um grave problema de saúde pública atualmente. No entanto, essa problemática pode, ao menos em parte, ser mitigada por meio de um controle estatal que não incida sobre os corpos, mas sim sobre as necessidades das mulheres.



Referências

BARROS, Regina Benevides de. A psicologia e o Sistema Único de Saúde: quais interfaces?. **Psicologia & Sociedade**, v. 17, n. 2, p. 21-25, mai./ago. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822005000200004>. Acesso em: 29 jun. 2025.

UMA HISTÓRIA Severina. Direção: Débora Diniz e Eliane Brum. Direção de Produção: Fabiana Paranhos. Roteiro: Débora Diniz e Eliane Brum. [S. l.]: Vídeo Saúde, 2005. 23 min., sonoro, colorido.

¹ Walisson Oliveira Santos

Realiza Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: prof.walissonoliveira@gmail.com

Agradecimentos:

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro e pela concessão da bolsa de estudos que tornou possível a realização deste trabalho.